

OS PERIGOS DA SUPERPROTEÇÃO

Cresce a consciência da complexidade de educar, efetiva e integralmente, as novas gerações, assim como o papel fundamental e, cada vez mais, imprescindíveis do educador.

Num cenário de tanta diversidade seja de referenciais e valores, de comunicação, relacionamento e acesso à informação ou de exigências e oportunidades profissionais, altera-se a forma de atuar ao mesmo tempo em que se confirma a importância crucial de quem educa

Estamos diante de uma geração mais preparada e, ao mesmo tempo, da mais despreparada. Preparada do ponto de vista das habilidades, despreparada porque não sabe lidar com frustrações. Preparada porque é capaz de usar as ferramentas da tecnologia, despreparada porque despreza o esforço. Preparada porque conhece o mundo em viagens protegidas, despreparada porque desconhece a fragilidade da matéria da vida. Uma geração que tem muito mais do que seus pais. Ao mesmo tempo, cresceu com a ilusão de que a vida é fácil. Ou que já nascem prontos: bastaria que o mundo reconhecesse a sua genialidade.



Como esses estrepentes na vida adulta foram crianças e adolescentes que ganharam tudo, sem ter de lutar por quase nada de relevante, desconhecem que a vida é construção, e para conquistar um espaço no mundo é preciso lutar muito, com ética e honestidade, e não a cotoveladas ou aos gritos.

Como seus pais não souberam dizer, é o mundo que anuncia a eles uma nova, não lá muito animadora: viver é para os insistentes. A época atual tem sido marcada pela ilusão de que a felicidade é uma espécie de direito.

Muitos pais fazem malabarismos para dar aos filhos tudo que querem, sem esperarem nenhuma responsabilidade nem reciprocidade. É como se os filhos nascessem e imediatamente os pais já se tornassem devedores. Para eles, frustrar os filhos é sinônimo de fracasso pessoal.

Não é importante que os filhos compreendam como parte do processo educativo duas premissas básicas do viver:

A frustração e o esforço?

Existe alguém que viva sem se confrontar com limites de sua condição humana como de suas capacidades individuais?

Esta geração supõe que é possível construir um lugar sem esforço. Existe a crença não menos fantasiosa de que é possível viver sem sofrer,



de que as dores inerentes a toda vida são uma anomalia e, como se percebe em muitos jovens, há o sentimento de uma espécie de traição ao futuro que deveria estar garantido. Pais e filhos têm pagado caro pela crença de que a felicidade é um direito. E a frustração, um fracasso. Talvez aí esteja uma pista para compreender a “geração do eu mereço,” por que possuem muitas habilidades e ferramentas, mas não têm o menor preparo para lidar com a dor e as decepções. Nem imaginam que viver é também ter de aceitar limitações – e que ninguém, por

mais brilhante que seja, consegue tudo o que quer.

Ninguém descobre que viver é complicado quando cresce ou deveria crescer – este momento é apenas quando a condição humana, frágil e falha, começa a se explicitar no confronto com os muros da realidade.

Parece que é isso que tem acontecido em muitas famílias por aí: se a felicidade é um imperativo, o item principal do pacote completo que os pais supostamente teriam de garantir aos filhos para serem considerados bem sucedidos, como falar de dor, de medo e da sensação de se sentir desencaixado? Não há espaço para nada que seja da vida, que pertença aos espasmos de crescer duvidando de seu lugar no mundo, porque isso seria um reconhecimento da falência do projeto familiar construído sobre

A ilusão da felicidade e da completude.

O melhor a fazer é ter coragem de escolher. Seja a escolha de lutar por seu desejo, ou para descobri-lo, seja para abrir mão dele. E não culpar ninguém porque não deu certo, porque com certeza vai dar errado muitas vezes. Ou transferir para o outro a responsabilidade pela sua desistência.

Fonte de Pesquisa: Cadernos – Rede católica de Educação Nº7/ 2011 pág.5)